

BOHEMIA VELHA

REVISTA CRITICO-LITTERARIA

Redactor em chefe



Mephistopheles

Proprietario

ZÉ DAS GAIFONAS

Collaboradores

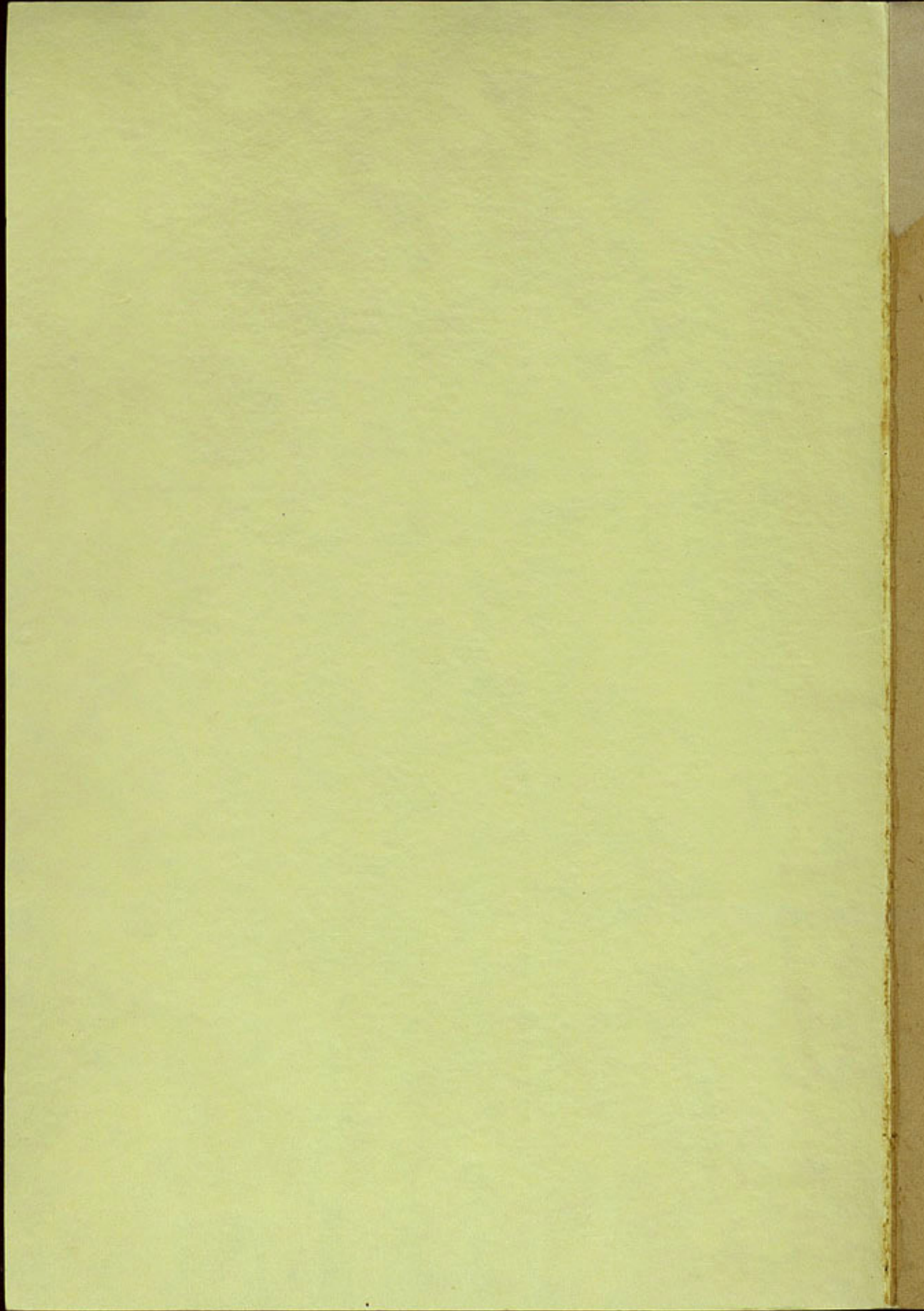
VARIOS

1.º Anno — N.º 1



COIMBRA, 25 DE MARÇO DE 1889

Sala
Gab. RB
Est.
Tab. 3
N.º 29



BOHEMIA VELHA

REVISTA CRITICO-LITTERARIA

Numero 1

1.º Anno

REDACTOR EM CHEFE
Mephistopheles

COIMBRA, 25 DE MARÇO

PROPRIETARIO
Zé das Gaifonas



APRESENTAÇÃO

Mais um. Em tão curto tempo, desde principio de fevereiro, rebentaram para ahi tres jornaes suppurando litteratura indigesta, e já outro está annuciado e não tardará na circulação.

Provavelmente a demora tem sido motivada pela carencia da principal móla d'esta vida.

O mal é epidemico.

É de crer que antes da Paschoa, por tal andar, tenhamos mais alguns.

Isto é o thermometro — permitta-se-me — indicativo do progresso litterario d'uma sociedade. Lembrarei, porém, ao publico, aquelle verso do poeta que motejava a fome:

.....
.....
*d'isto se come? ah Christo!
quem tivera mais cedo dado n'isto!*



Hoje apresento-lhes tambem a *Bohemia Velha*. Prevejo que não será longa a sua vida, se lhe não fôr favoravel o acolhimento dos leitores. Todavia cumpre já declarar que só d'esta circumstancia favoravel, principalmente, e da bolça do proprietario, em segundo logar, depende a sua vida, e nunca da existencia dos

collegas patricios, nem dos favores das *typographias*.



Tenham cuidado com esta mulher que se chama a *Bohemia Velha*.

Inflexivel como o aço, austera como a justiça... nunca falsa, tem por habito bater onde encontra uma mazella litteraria. Odeia a hypocrisia reles dos poetas piegas, e não perdoa ladroeiras, sempre que as descubra, e de qualquer natureza que sejam.

De noite passa de fugida, pelos passeios, escutando as conversas intimas dos grupos de *bohemos novos*, que vão distrahidos e de cabeça levantada; entra no Marques Pinto, na Havaneza, no Lusitano abanca-se com os *insubmissos* e *bohemos novos*, disfarçada, colhendo insignificancias para abrir caminhos, penetra, em algumas noites, n'umas casas que ha espalhadas pela Alta, uns antros infectos, onde muitos pobres rapazes perdem a saude e a mezada.

Nada lhe escapa. Até mesmo quando a horas mortas da noite, sóbe para a Alta um sujeito magro, esguio, unctuosoo tunante, cantando umas canções *gilicas* e pedantescas, ou fazendo passar, de assobio por uns labios descommunaes, uma aria extravagante, ella, a *Bohemia Velha*, assoma-se á janella do seu quarto e diz por entre os dentes — «é o *Tøy*»



Pelo que fica dito, leitores, podeis construir approximadamente o nosso programma.

Mephistopheles.

A proposito de «Dois dedos de cavaco»

DO
BEBÉ DAS FANGAS

(N.º 2 da Bohemia Nova, pag. 29-30)

Quo ler este artigo do Albertinho de Oliveira, recheado de gracejos e immodestia, lembrou-me aquelle latim do psalmo que o sr. Camillo Castello Branco applicou a um estudante de theologia: — *Vitulum novellum cornua producentem et ungulas* — «bezerró garraio ao qual começam de sair as pontas e as unhas.»

E effectivamente o menino dos cueiros está neste caso.

Saiu-se muito bem na réplica aos *Insubmissos* e mostrou habilidades suprehendentes em todo o aranzel tendente a devolver triumphantemente o offensivo epitheto ao sr. Eugenio de Castro.

E fel-o com muito chiste, o pretencioso *mimalho*, e com certa filauca, apesar das palavras sinceras — *minha humilde e despretenciosa pessoa*.

E é-o na verdade! Ninguem o duvida. Leiam no seu artiguinho, a que me estou reportando, o que elle diz: — «... eu fazia de corista no *Processo do Rasga*, representado por meninos esper-tos...»

E pouco depois que — «... tinha inspirações que varios jornaes de collegio se encarregaram de gravar para pasmo da posteridade, em letras de ouro.»

Parece-me que lhe falta o miolo na bola?!

Perde-se antes do tempo da maduração.

Agora attenda um pouco, Bebé.

Não vá suppôr que toquei nestes «DOIS DEDOS DE CAVACO» com diverso intuito do que patenteou um poeta celebre num soneto cujo ultimo terceto lhe transcrevo:

«É porque sendo, oh Caldas, tao sómente
Um cafre, um gozo, um nescio, um parvo, um...
Queres metter o nariz...» em toda a parte... 11

E pois que passei pelo assumpto, devo pedir-lhe que não chame aos tribunaes o Eugenio pelo rapto, deixe-o lá, não se incomode com isso. Todavia sempre lhe digo que se não poder conformar-se com a perda da saudosa virgula que elle lhe roubou, eu responsabilisar-me-hei, para evitar dissabores, a collocar-lhe uma virgula no logar respectivo.

Deixe-o que é o melhor!

Aristeu.

Autopsia do «Suicidio»

DO SR.

CARNEIRO DE MOURA

(Bohemia Nova n.º 2)

VIDENTERMENTE Coimbra é a terra das epidemias. Ha epidemias physicas e epidemias moraes; as primeiras resultam das emanções deleterias e mephiticas das ruas e canos d'egoto; as segundas procedem d'umas distincções que para ahi se dão a creanças sem outro merecimento que o de quererem ser grandes á custa de favores e sympathias, e o que é mais — á custa de bajulações.

É ver como muitas mediocridades, que para ahi vegetam, depois de receberem essas honras universitarias e encomendadas, tomam uns assomos de *padres-mestres* e julgam-se no direito de dizerem quantas parvoices lhes vêm á cabeça, e o que noutros seria, uma affirmacão solemne da sua nullidade, nelles é titulo das suas honras e merecimentos. E se algum menos preoccupado ousa lançar-lhes á cara a lama que fazem tão ingenuamente, elles, as creanças, desatam a berrar e a chamar nomes feios a quem lhes não prodigalisa caricias.

Estas reflexões são-me suggeridas pela leitura d'um artigo do sr. Carneiro de Moura intitulado o *suicidio* e publicado no 2.º numero da Bohemia Nova.

Eu li esse artigo com uma soffreguidão voluptuosa, cuja razão não encontro nem

nós meritos do auctor nem nas sympathias do assumpto, mas nesta tendencia que todos nós temos para saber explicar tudo aquillo que se impõe ao nosso espirito debaixo do ponto de vista esthetico e intellectual. O telegrapho annunciára a todo o mundo um facto que enlucára uma das familias mais nobres da Europa e uma das nações mais poderosas do mundo. A proposito disséram-se cousas mais ou menos fantasiosas que interessaram a minha curiosidade em saber todas as minudencias d'esse drama que infelizmente ficará para sempre envolto numa nevoa densa e impermeavel ás vistas dos mortaes.

Em seguida annunciava-se em Lisboa um suicidio, e logo depois o nosso grande escultor Soares dos Reis usava esse mesmo processo para escapar ao pezo esmagador de circumstancias cada vez mais impertinentes.

Foram estes factos que me despertaram tanto interesse pela leitura do artigo, e intendo que outros não foram os motivos que levaram o sr. Carneiro de Monra a escrevel-o, mas com tanta infelicidade que melhor fôra não o fazer.

E senão vejâmos.

Depois de aventar uma proposição que adiante nega, diz:

«Tudo é hostile á memoria de quem se mata — a grammatica, a physiologia, a moral, a religião... tudo, salva a opinião dos inimigos e a d'outros que encorpôo classicamente na venerabilidade das «excepções honrosas.»

Perceberam?! E depois continúa:

«Os primeiros deixam cair em paz na sepultura fria o cadaver do suicida com o cynico e opinativo *memento*—«deixá-lo ir»; os segundos, os das excepções honrosas, esses talvez os empurrem a cova unctuosamente:—coitado!—lagrimem.»

Como vêem é d'uma ocacidade pasmosa! É uma trapalhada que nauseia a gente de *mediocre comprehensão*.

Não posso comprehender como a grammatica seja hostile á memoria de quem se mata a si mesmo. E essa incomprehensibilidade sóbe de ponto quando o sr.

Moura, parece que querendo demonstrar a sua cerebrina proposição, duvida que Voltaire tenha dito:

«... que um Fuão qualquer se suicidára — para exprimir o lugubre facto de uma descarga de polvora e chumbo esmigalhar o craneo d'um hallucinado. *Matou-se* — é que é: *Suicidou-se*, isso é pleonasmio; e á grammatica não se deve exigir um pessimo verbo d'um optimo substantivo.»

Primeiro que tudo deve notar-se que se uma *Fuoa* qualquer ingerir uma dose d'arsenico sufficiente para se matar, não houve suicidio, porque não ha suicidio onde não haja — polvora, chumbo, explosão, craneos esmigalhados e hallucinados!

Além d'isso é curiosa a idéa que o sr. bohemio fórma de grammatica. Deprehende-se das suas affirmações que ella é uma *Fuoa* qualquer estabelecida com deposito de verbos transitivos e intransitivos, regulares e irregulares, etc., etc., e... pessimos, prompta sempre a fornecel-os a *qualquer Fuão* que lh'os *exija*.

É d'uma originalidade inaudita este sr. bohemio!

Reduzindo a questão ás suas fórmas mais simples:

A grammatica é hostile á memoria do suicida porque diz-se geralmente:

Fuão suicidou-se; devendo dizer-se: — Fuão matou-se.

De duas uma: ou o verbo suicidar-se tem fóros grammaticaes ou não; no primeiro caso, dando a grammatica um nome insubstituivel para exprimir syntheticamente o triste facto de F... se matar a si mesmo, de maneira nenhuma quebra as relações com o F... pelo contrario é titulo e garantia de uma amizade sadia e forte, porque ha uma especie de compadrio.

Se não tem fóros grammaticaes, não tem tambem o sr. Moura motivos para ver inimidade entre os dois, porque neste caso o verbo suicidar-se tão inimigo é de F... como da grammatica e esta circumstancia ha de produzir fatalmente uma grande sympathia entre elles.

Já vê, sr. bohemio, que onde v. ex.^a via rancor não ha senão amor e muito amor.

O verbo em questão não é pessimo, é optimo, visto ser insubstituivel como acima disse e como vou demonstrar.

Supponhamos, sr. bohemio, que lhe dá um dia na cachimonia fazer a viagem d'aqui para a sua terra em cima d'um macho d'almocreve — á antiga portugueza — e que passando por um d'esses logares lendarios em que os ladrões appareciam aos bandos, e cujas victimas se contavam pelos passageiros, deparava com uma cruz alçada, granitica e musgosa onde se lia:

«Aos 13 do mez de . . . , do anno de . . . mataram-se aqui dois estudantes que vinham de Coimbra. Passageiros! u. p. n.»

A ultima parte do *annuncio* ha de forçosamente despertar a sua *finá* veia humoristica, a ponto de fazer rir a bandeiras despregadas o seu companheiro de viagem. Sobre o assumpto fará uma dissertação tão comprida e tão cerrada como as noites escuras de dezembro, e assim irá de cima do burro como um Sancho fecundando o espirito selvagem do almocreve. A proposito citarã todos os auctores conhecidos e desconhecidos, presentes, passados e futuros, emfim um *mare magnum* de erudicção a estoirar-lhe por todos os póros.

A primeira parte não deixará de dar ensejo a uma estirada mais *unctuosa*, porque tanto se pôde intender que houve assassínios como suicídios. Esta ambiguidade desaparecerá desde o momento que appareça um *Fuão qualquer que tenha a bizzarria de alçapremar a altura de utilidade philologica* o verbo — suicidar-se.

Quanto á *physiologia*, como inimiga do suicida, nada direi, porque por mais esforços que faça não me é possível descobrir o motivo d'essa inimizade.

No tocante á moral e religião tenho a distinguir: se o sr. bohemio as tomou no sentido lato, como fez relativamente á luz, disse um grande disparate; se as tomou no sentido stricto, a sua affirmacção é opinativa.

E agora uma pergunta muito ingenua.

Em que classe se incorpora o sr. Moura? Na primeira não, porque v. ex.^o nem é grammatico, nem physiologista — ou é? — nem moralista e muito menos religioso. Na segunda tambem não, porque a sua

qualidade de bohemio dá-lhe direito ás sympathias de toda a gente; conseguinamente, por exclusão de partes, pertence á classe das «excepções honrosas.» Pertence?

*

Depois de *citar* uns auctores, cujos nomes eu não sei ler por serem muito arrevezados, muito feios, depois de fazer alguns periodos de uma frivolidade *graciosa*, assevera que o suicidio é um refugio heroico, e para o demonstrar, diz:

«Sim, senhores! dizem bem — os taes auctores — porque o cardeal Dubois appellou para a coragem querendo matar-se, — e porque poucos jornaes, servidos d'uma *reportage* mexeriqueira, deixam de nos participar gulosamente que o distincto . . . , tão sympathico, tão bom, tão talentoso, quando a estrella fulgente da impávida gloria lhe bruxuleava num ceu amplo, azul . . . , deixou este agitado mar da vida — mediante o auxilio d'um *bulldog*. E depois apresentam-nos uma epistola saudosa á mulher amada, o objecto santissimo d'uma vida immaculada, em que os espiritos do infeliz defuncto exprimem cousas pasmosas d'uma logica desanuviada: — que a vida tem a razão de ser do bem estar e que o amor *d'ella* lhe faltou, que o senti, mas que o não quer continuar a sentir: mata-se. — Doudo? Ora . . . »

Conclusão: o suicidio é um refugio heroico. Isto só de um *resignatario!* Continúa, dizendo:

«E se neste momento ainda não acreditam os que me lêem — que ha casos de suicidio em que o estado de loucura não é a base *psychologica* da resolução da catastrophe, »

Acreditam, pois não?! O sr. Moura é de uma logica de ferro, capaz de pulverisar a teimosia mais persistente.

E continúa:

«Pois fique-se sabendo, que se dermos credito á *Pall Mall Gazette*, »

É a *Pall Mall Gazette* que lhe deu a noticia da morte do principe Rodolpho. Não foi o nosso querido *Janeiro* ou *O Reporter*, credo! olha lá! elle bebe do fino; já se não dá á semsaboria de ler os jornaes portuguezes.

Isso foi tempo. Agora só se lêem jornaes estrangeiros, principalmente russos, americanos, inglezes, como a *Pall Mall Gazette*, e não sei se tambem hotentotes!

Tem tanta graça.....

✱

Depois de afirmar que o principe Rodolpho se suicidára — dá licença? — muito conscio do que fazia, escreve:

«Teve maus motivos? Quero concordar que sim; uns, porque o habituaram a ver mal as cousas; outros, porque a sociedade actual as vê como elle as viu: mas então apenas temos má orientação de experiencia e raciocínio, e não loucura.»

Tambem quero concordar que sim, mas no que eu não quero concordar é que haja má orientação de raciocínio.

O sr. bohemio é tão preocupado com os ares vistosos que quer dar á linguagem, que as contradicções inconscientes encadeam-se com bastanteprejuizo da sua *opiniativa* reputação tanto scientifica como litteraria.

Diz que os maus motivos que levaram o principe a suicidar-se — dá licença? — resultaram de o habituarem a vêr as cousas mal e porque a sociedade actual tambem assim as vê.

Em menos palavras: tanto a sociedade como o principe viam mal as cousas. E, não obstante esta affirmativa, diz mais adiante que a luz da civilisação faz ver as cousas pelo seu lado rigoroso, verdadeiro, livre de ramalhetagens.

Então vêem-se ou não se vêem as cousas taes como ellas são? Ou o principe e a sociedade de que fallou não eram civilisados?!

O artigo em questão tambem principia:

«Ainda hoje se vêem mal as cousas.....»

Então em que ficamos?

Logo em seguida lê-se:

«E não vale dizer-se que se não pódem vencer os sentimentos naturaes — salvo o caso de perturbação mental; porque tanto é um sentimento natural o da existencia como o da conservação da especie; e desde sempre tem havido celibatarios que por crenças futeis suffocam as tendencias sexuaes numa felicidade — gorda.»

Não seja tão mau, menino! não se asanhe; olhe para si e verá que essas *crenças futeis* nem sempre suffocam *tendencias sexuaes*!

Adiante e mais limpeza; lembre-se da declaração d'um outro bohemio que deixou de responder a umas amabilidades dos *Isubmissos* pelo muito respeito que consagra ao decóro das familias, e pudicia das meninas formosas, pelas quaes quer que o seu jornal seja lido e relido. Emfim..... cousas!

Prosegue:

«Podia-me ficar por aqui....»

Pois *possa-se* e fique, e não nos mase mais com *cifras estatisticas* e *cifras medias*. Deixe lá essas cifras em paz com seus donos. Não traduza tanto a lettra. Não nos falle em filhos *preciosos de Marte*, nem tão pouco em *sepulturas frias*, porque se ellas são frias em junho pelo facto de então haver calor, devem ser quentes no janeiro. Não faça espirito com asneiras.

✱

«Parece indubitavel que a luz é a causa dos suicidios.»

«Pois vejam — e antes de ver, considerem que tomo aqui a luz num sentido lato —»

Quem diz que uma cousa se toma em sentido lato é porque tambem pódem tomar-se em sentido stricto. Ora se no sentido lato se comprehende a luz da civilisação, a luz do verão, a luz d'abril, a luz serena da razão, a luz da instrucção, a luz d'harmonia dos povos, que luzes se hão de comprehender no sentido stricto? provavelmente a luz do petroleo e a luz das vélas de cebo!

Emfim lá vae o ultimo bocadinho que é, como costuma dizer-se, a chave d'ouro com que o sr. bohemio fecha artisticamente o seu bello artigo :

«E pois, se a pobre humanidade de que tanto tem luctado, — segue-se um rufado vistoso — ha de um dia assistir pungente ao anniquilamento suicida das raças, para dar lugar a novos seres que lhe venham povoar o planeta,»

Pelos modos a humanidade é uma senhora de poucos haveres que lá no dia em que a civilisação attingir a sua maxima intensidade, vestir-se-ha de luto e banhada em pranto assistirá a esse grande drama — representado nos *palcos do universo*, e depois, chorando sempre, virá tratar das couves do seu quintal á espera que os cadáveres das *raças humanas* produzam uns novos seres, que gordos e rechunchudos lhe venham povoar o planeta, assim como da podridão d'aquella ave negra que Sybilla viu desaparecer no infinito, sahiram os inglezes!

É um original este bohemio!

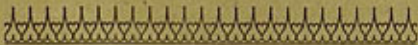
*

Agora um conselho. Não queira impingir ideias triviaes, recommendadas por uma linguagem horrivelmente diffusa e mysteriosa, comprimidas pelo peso desmesurado de palavras kilometricas e bojudas, que as vedam aos olhos dos mortaes.

E lembre-se que fui excessivamente benevolo na apreciação do seu artigo.

Ha ensanchas para muito mais.

João dos Grillos.



Não os intendo

PRIMEIRO direi do sr. Alberto Osorio de Castro e da sua *Chronica* que — elle é um chronista de singular especie, ella um producto balofo e condigno de s. ex.^a.

Li e estou já farto de reler aquella tão fina joia, e, francamente, ainda não cheguei a perceber claramente o que elle quiz dizer naquella série de pachouchadas, em pagina e meia, d'envoltá com quinze ou vinte nomes de celebridades litterarias e termos de subido quilate: — Anthero do Quental, João de Deus, Crespo, Eça, Theophilo, Puschkina, Gogol e Lermontoff, Tourguéniew e Tolstoi, Alphonse Daudet, Pierre Loti, Hugo, I—K—Huysmans, M.^{me} Ackermann, Sully Proudhomme, Paul Verlaine, Julio Lemaitre, Jean Lahor, Amiel e de Guérin, Rollinat e Baudelaire — e até fallou na Imitação de Christo — lubies, blague, engodement, Yankee, bank-note, orfeyreria, tolstoismo — pára aqui a grandissima trapalhada.

Isto é que é erudição! . . . Irra! . . .

E eu com pachorra para tanto. Tudo, espremido na mão, reduz-se a pouco, e é de uma originalidade. tambem não admira, pois se elle abriu a sua *Chronica* com uma grande *preoccupação de chinezaria* . . .

Quando houver por bem vertel-a para vulgar, poderei attingir alguma cousa, chinez não sei.

Na prosa o tal chronista é um Rosalino, no verso um Crespo degenerado.

*

Agora uma reflexão que me occorre.

Serão aquelles litteratos os desgraçados que os bohemios novos quotidianamente assalteiam commandados pelo Nobre ?!

Inclino-me a que sim. E a minha persuasão sóbe de ponto quando, ao avistar o sr. Osorio com elles de charóla, ouço pronunciar o santissimo Verbo — com maiuscula. E como em taes situações de remorso o desabafo é inevitavel, exclama:

«Que me diz a isto, sr. Antonio Nobre ?»

Não sei da resposta; porém, como o a quem se dirige costuma «olhar superiormente para tudo isto, com um olhar sereno e frio» é muito provavel que respondesse chacoteando o companheiro penitente.

«Ah! por Deus! não me faça troça, sr. Antonio Nobre. . . .»



Já começam ás arrochadas.
Pois o que quererá dizer isto?

«D'ahi por diante... não podemos competir com o sr. Bastos, e damo-nos por vencidos em questões de bibliotheca reservada. Quere-mos manter o nosso jornal numa attitude honesta, de modo que não seja preciso recorrer á razura para o fazermos legível em casas de gente séria.» (N.º 3 da *Bohemia Nova*, pag. 45.)

E pouco depois, o sr. Mello a publicar — no n.º 4 do citado jornal — *A morte do Baldaia*, onde ha periodos de uma porcaria sem egual, que pouca vergonha fôra transcrever-os. Principalmente desde linhas 30, 2.ª columna, pag. 53, até ao fim.

E querem que as damas leiam o seu jornal? Ora deixem-se d'isso!

É infecundo o seu procedimento.

Quando não possam — por defeito de organização — ser limpos, sejam pelo menos coherentes. Mas nem isso.

E ouvil-os fallar.....

«Muito coherentes, estes *in-submissos!*» (Pag. 32, n.º 2 do cit. jornal.)

Vossés são-o mais, pois não?!

Bordoada a valer, para baixo no dr. Fausto!

Havia de sair-lhe caro o atrevimento de confessar ao sr. Bastos (trecho acima transcripto) que queria *manter o jornal numa attitude honesta*; o sr. Toy não é de meias medidas.

Não me poupe o dr. Fausto, sr. Mello.

Se isto assim corre ao principio quando a *joven* conta ainda tão poucas semanas de vida, o que succederá lá mais ao diante? Esfaqueiam-se, conjecturo eu.

E elles que são talhados de molde para taes exhibições de reles covardia!



Ora para que estou eu para aqui com estas reflexões?! Quando não sabem discutir, ou — numa attitude de respeitabilidade pombalina — querem esquivar-se ás

vaías dos adversarios, mostram o punho fechado e manga arregaçada de entre a porta da redacção; e amanhã — quem sabe? — se suspeitam quem escreve estas linhas — virão com o argumento bestial e concludente da murrça demonstrar nas minhas costellas que não são para gracejos.

Amigo Bastos. Parece-te que deverei pôr as barbas de molho?

Urrah por estes bohemios!

Wagner



SYMPHONIAS



O dr. Fausto ao anzol

Um grande ratão, cujo nome me escapou, escreveu ha dias um bilhete todo mephistophelico ao dr. Fausto, concebido nestes termos:

«Amigo doutor, tu que és na verdade um optimo, excellente rapaz... não poderás dizer-me quaes são os mais larapios d'entre os redactores e collaboradores do teu jornal?»

O nosso doutor, dirigindo-se a varios dos seus collegas:

«O que quererá dizer isto? Larapios! Já me lembrei... quererá significar *poetas*? A modo que estou um tanto confundido por causa d'este nome arrezado...»

E com a sua ignorancia e levando na mão o traiçoeiro bilhete, dirige-se a um

de olhar sereno e frio que é intimo amigo do D. João — não sei se conhecem.

«O que dizes a isto? que resposta hei de dar ao homem?»

«— Não ha duvida, doutor, *larapio e poeta*, como sabe, são synonymos, portanto diga-lhe lá que na redacção da *Bohemia Nova*... é tudo a eito.»

E o dr. Fausto aceitou a opinião... e respondeu á missiva.



Sublimidade de pensamento

Antonio Nobre, na *Bohemia Nova*:

«*Que hei de fazer, Senhor! o que é que espera Um bacharel formado em Illusões Pela Universidade da Chimera?*...»

Ora o que ha de fazer?.. pinos e linnhas — ou ir á fava...



Um regedor

Recébia esta infima auctoridade administrativa um officio, do seu superior do concelho, exigindo o informasse sobre se existia na sua freguezia alguns dos sete mil bravos que desembarcaram no Mindello.

«Em resposta ao officio de v. s.^a tenho a dizer que nestas praias não desembarcou ninguém.»

Este santo homem era bohemio... dos novos,



Concluindo

Para melhor accentuar as ligeirices da *apresentação* d'este jornal sobre o modo de proceder, convém ainda notar — que bater-se-ha sempre, sem dó nem piedade, nestes manequins aliteratados, revestidos de uma *poee* auctoritaria usurpada, e amigos da propriedade alheia.

Sobre este assumpto seguiremos o inverso do preceito evangelico

«encobrir as fraquezas»

não desprezando, todavia, aquelle do Manual do Bom Catholico

«castigar os que erram»

quer sejam partidarios de Christo, quer de Cesar. A tal respeito nunca faremos asserções sem que sejam acompanhadas de contrafortes demonstrativos, a não ser quando taes affirmativas versarem sobre factos já do dominio publico.

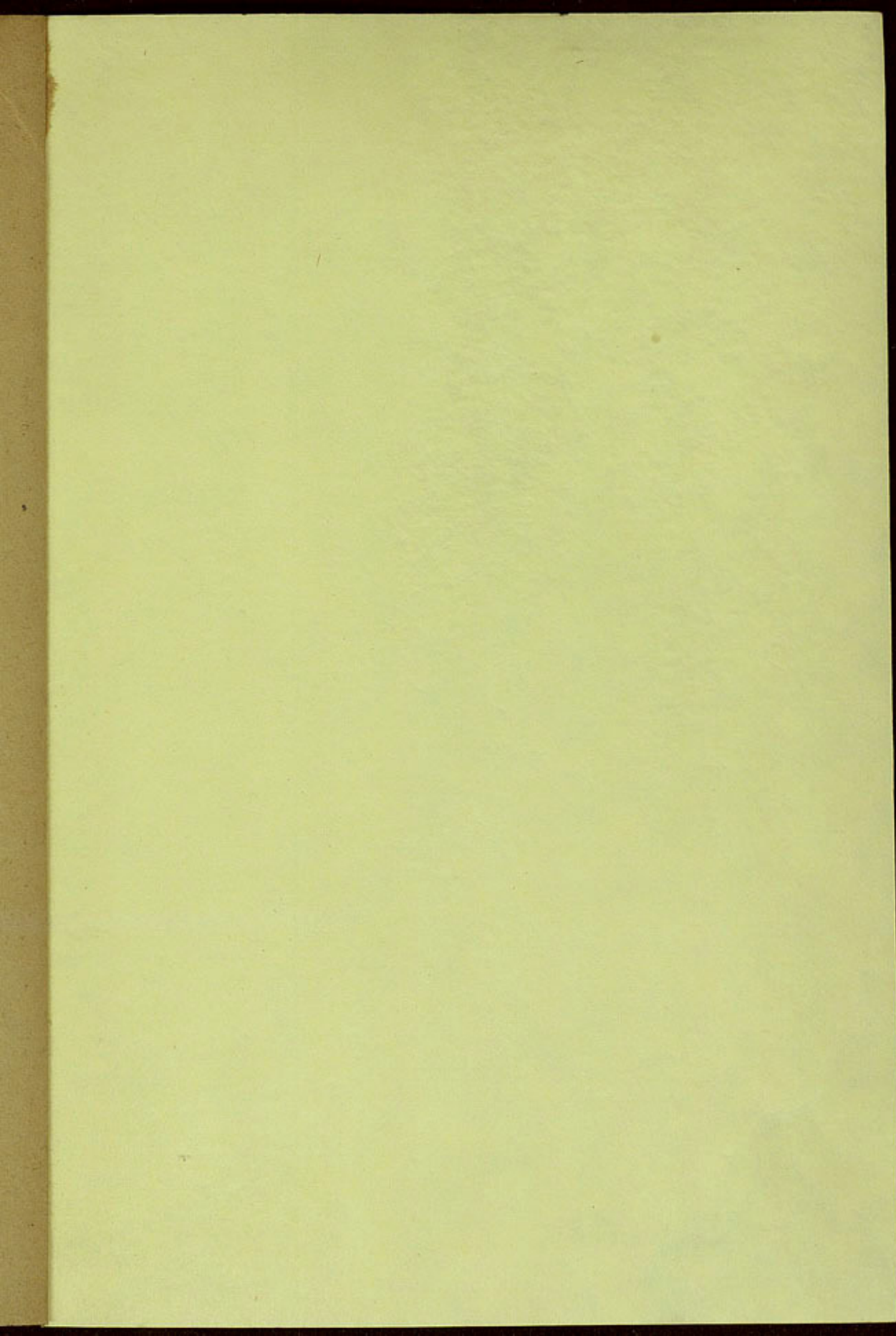
Após estes nossos arrojos de tocar nas susceptibilidades dos bohemios novos, virá o correctivo já previsto aos nossos *desmandos*.

Estamos promptos. O nosso desejo é conversar sobre alguma cousa mais proveitosa do que propriedade de alexandrinos; e nesse intuito proporcionamos ensejo aos moços collegas.

E se desejam conversar... até ao segundo numero.

A Redacção.





A Bohemia Velha

Todas as pessoas a quem enviarmos esta publicação e a não devolverem immediatamente, serão consideradas assignantes.

~~~~~ Publicam-se quaesquer escriptos que nos sejam enviados pelos nossos assignantes, quando não contrarios á indole do jornal.

~~~~~ Os originaes não se restituem, ainda que não publicados.

~~~~~ A *Bohemia Velha* sahirá duas ou tres vezes por mez.

~~~~~ Pedimos o obsequio de troca aos nossos collegas a quem enviarmos o jornal.



ASSIGNATURA

(Paga adiantadamente)

Cada 10 numeros 400 réis
Numero avulso 40 »

Não se aceitam assignaturas de fóra de Coimbra de menos de 5 numeros

Toda a correspondencia deve ser dirigida a
